

**100 ANOS DE COLÔNIA GORKI: SOFRIMENTO E RESISTÊNCIA NA PRÁXIS
EDUCATIVA DE MAKARENKO**

**100 AÑOS DE COLONIA GORKI: SUFRIMIENTO Y RESISTENCIA EN LA
PRÁCTICA EDUCATIVA DE MAKARENKO**

**100 YEARS OF COLONY GORKI: SUFFERING AND RESISTANCE IN THE
MAKARENKO EDUCATIONAL PRACTICE**

DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v12i2.35236>

Leonardo Marcelino Luz¹

Resumo: Este trabalho visa analisar as significações makarenkianas sobre o trabalho de seu autor à frente da Colônia Maxim Gorki, entre 1920 e 1928. Especificamente, nos interessa analisar os sintomas de mal estar docente vividos por Makarenko e seu enfrentamento para, ao fim, lograr o êxito na recém fundada educação socialista soviética que começava a tomar forma, no contexto histórico do fim do tsarismo e os primórdios da Revolução Russa. Para a consecução desse objetivo nos valem os estudos de Vigotski sobre a constituição dos sentidos e significados. Observou-se que Makarenko enfrentou situações de mal estar profissional tanto como professor como gestor pedagógico.

Palavras-chave: Pedagogia Socialista. Mal Estar. Sentidos e Significados.

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo analizar los significados de Makarenko en el trabajo de su autor al frente de la Colonia Maxim Gorki, entre 1920 y 1928. Específicamente, estamos interesados en analizar los síntomas del malestar docente experimentado por Makarenko y su afrontamiento para, al final, lograr el éxito, en la recién fundada educación socialista soviética que comenzaba a tomar forma, en el contexto histórico del fin del zarismo y los inicios de la Revolución rusa. Para lograr este objetivo, utilizamos los estudios de Vigotski sobre la constitución de los sentidos y los significados. Se observó que Makarenko enfrentaba situaciones de incomodidad profesional tanto como maestro como gerente pedagógico.

Palabras-clave: Pedagogia Socialista. Malestar. Sentidos y Significados.

Abstract: This work aims to analyze the makarenkian meanings about the work of its author at the head of the Maxim Gorki Colony, between 1920 and 1928. Specifically, we are interested in analyzing the symptoms of teacher malaise experienced by Makarenko and his confrontation in order to ultimately achieve success in the newly founded Soviet socialist education that was beginning to take shape, in the historical context of the end of tsarism and the beginnings of the Russian Revolution. To achieve this goal, we use Vigotski's studies on the constitution of senses and meanings. It was observed that Makarenko faced situations of professional discomfort both as a teacher and pedagogical manager.

Keywords: Socialist Pedagogy. Unwell. Senses and Meanings.

Introdução

A história de vida de Makarenko está entremeada por dois eventos que mudarão a história do século XX: o fim do tsarismo russo, com a queda dos Romanov; e os eventos que culminarão naquele fato histórico que Eric Hobsbawm significou como o mais importante para aquele século, a Revolução Russa de 1917. Se queremos acreditar, tal como nos sugere Kosik (1976), na história como uma tri- dimensionalidade, ou seja, não como algo cristalizado, mas sim como um passado articulado ao presente que nos auxilia a fazer projeções, a imaginar possibilidades, então vemos como é necessário analisar a história de vida de um sujeito sem deixar à margem as conjunturas sócio-históricas em que vive.

Filho de Semion e Tatiana, Anton Seminonovich Makarenko nasceu em 1888 em Belapolie, província de Kharkov, na Ucrânia que vivia debaixo do feudalismo monárquico russo. Na vila de operários ferroviários onde nascera, o pai, mecânico, ansiava que o filho seguisse seus passos. No entanto, a saúde frágil do pequeno e mirrado Anton fez com que sua trajetória de vida tomasse outros trilhos. A mãe se encarregava de ensinar o menino com canções e contos populares de forma que, no ano de 1895, ao ingressar no curso primário, Anton já sabia ler. Pai e mãe, como os outros habitantes da vila operária, de baixa escolaridade, viam em Anton o primeiro membro da família – e talvez o único – a ter chances de sucesso nos estudos superiores. Em 1905, aos dezessete anos, Anton concluía seus estudos iniciais de formação para o magistério e, em 1917, o curso de Pedagogia, com medalha de ouro, no Instituto Pedagógico de Poltava.

Enquanto cursava Pedagogia, dois eventos causariam profundas impressões em Anton. O primeiro foi uma descabida convocação para atuar na Primeira Guerra Mundial, onde era constantemente alvo de chacotas por seu estrabismo; a segunda, ser tutor de um jovem de uma dinastia principesca. A futilidade da vida no palácio contrastando com o pauperismo da população das vilas marcou profundamente o filho de operários, que a essa altura já conhecia desde os discursos de Lenin à literatura engajada de Maxim Gorki, que com seus personagens vindos *de baixo* falavam com o povo.

É assim que Makarenko chega em 1920 à cidade de Poltava, localizada a 345 quilômetros da capital Kiev, para assumir a colônia para *delinquentes juvenis*, órfãos de guerra e menores abandonados. Nada o preparara para os desafios que ali teria de enfrentar, desde obstáculos estruturais, como conseguir botas para que os pés dos educandos não congelassem frente ao rigoroso inverno; até confrontações com seus superiores por seus métodos, tidos como pouco ortodoxos.

De posse dessa conjuntura histórica que se localiza a análise de nosso trabalho, tendo por um lado o contexto sócio-histórico da Revolução Russa deflagrada em 1917 e, por outro lado, um educador e seu grupo de crianças e jovens tendo que aprender a educar e educar-se em condições adversas que lhes constituirão significações únicas e que lhes marcarão pelo resto de suas vidas e que para nós, hoje, decorridos 100 anos, nos servem de profícuos estudos da educação humana e socialista que se empreendeu naquele recorte histórico.

Método

As Significações são constituídas pela relação dialética entre objetividade\subjatividade que perpassam nossa constituição psíquica desde os mais tenros anos de vida. Foram objeto de estudo de Vigotski (2001[1934]) que viu nos Sentidos e Significados novas categorias para aumentar sua compreensão sobre seus estudos clássicos que se desenvolviam sobre o Pensamento e a Linguagem.

Embora dialeticamente imbricados, Sentidos e Significados podem ser estudados de forma que seja possível distinguir um do outro. Nos lembra Vigotski (2001[1934], p.465) sobre o Significado que ele “é apenas uma dessas zonas de sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata”. Assim, se queremos investigar os motivos que levaram um certo grupo de professores a entrar na profissão docente, podemos ouvir o *gostar de crianças* como resposta. No entanto, nesse momento estamos mais no terreno dos Significados compartilhados; se nos adentrarmos ainda mais nessa interpretação, veremos que um desses professores evocará a memória de quando era pequeno e brincava de escola; outro recordará da mãe que também era professora; um terceiro mencionará um professor da educação básica que admirava e assim por diante. Nesse momento adentramos nos Sentidos subjetivos que cada um desses professores constituiu em sua trajetória de vida.

Para nosso objeto de estudo, nos valeremos dos Sentidos e Significados deixados por Makarenko em sua principal obra, o Poema Pedagógico, publicado entre os anos de 1933 e 1935 em três volumes e que se remetem ao período em que esteve à frente da Colônia Maxim Gorki, entre os anos de 1920 a 1928. De caráter extremamente pessoal e autobiográfico, Poema Pedagógico poderia ser comparável, grosso modo, ao que nos dias atuais se convencionou denominar como a técnica dos *diários de campo*, relatos que reúnem impressões objetivas e subjetivas da experiência profissional. Interessa-nos analisar de forma específica os momentos em que Makarenko significou estar passando por dificuldades diretamente relacionadas às suas obrigações profissionais, seja como professor, seja como gestor.

Em nossa análise documental, analisamos as Significações contidas nos três volumes da edição da editora Brasiliense (1987) e traduzida por Tatiana Belinky. De posse do método de análise dos Núcleos de Significação elaborado por Aguiar e Ozella (2013), dividimos nossa análise da seguinte maneira: no primeiro momento separamos e transcrevemos de forma literal os trechos em que Makarenko significa estar vivenciando algum incômodo em decorrência de seus afazeres profissionais, o que na técnica dos Núcleos de Significação corresponde à etapa de identificar os Pré-indicadores; a segunda etapa consiste em aglutinar esses Pré-Indicadores em Indicadores, tendo como critério o que os possam reunir em similaridade, complementaridade ou até mesmo em eventuais contrariedades. Destacamos em negrito as passagens da fala de Makarenko mais carregadas de emoções que guardam relação direta com o Núcleo que está em análise. As emoções estão dialeticamente imbricadas com a organização do Pensamento e da Linguagem que o sujeito expressa por meio de suas significações.

Os Pré-Indicadores aglutinados em Indicadores formarão um Núcleo de Significação, que em nosso estudo podemos identificar em dois: Núcleo de Significação 1: o mal estar do chão da sala de aula; e Núcleo de Significação 2: no Olimpo pedagógico, que passaremos à análise em seguida.

Análise dos Resultados

Nossa análise das significações makarenkianas sobre o mal estar docente nos levou a constituição de dois Núcleos de Significação.

O Núcleo de Significação 1 é intitulado O mal estar do chão da sala de aula. O Núcleo de Significação 2 é intitulado No Olimpo pedagógico. Diante da análise das significações presentes nos três volumes de *Poema Pedagógico*, percebemos que há duas situações causadoras de desconforto e mal estar em Makarenko ao longo de seu trabalho à frente da Colônia Gorki entre os anos de 1920 e 1928.

A primeira se dá no contato direto com os educandos da Colônia Gorki, que chamaremos como o Núcleo de Significação 1: O mal estar do chão da sala de aula, embates que ocorrem quando Makarenko está diretamente envolvido em alguma relação professor-aluno. No contexto em que vivia, Makarenko acumulava a função de educador e administrador da Colônia Gorki, tinha de administrar não apenas situações de ensino e aprendizagem, como também os demais funcionários e a vida funcional de toda a Colônia Gorki. Essa amálgama de papéis profissionais não tinha uma delimitação tão explícita, dado o contexto de precarização das condições de trabalho a que eram submetidos tanto educadores quanto educandos.

Os recursos financeiros eram escassos e as condições de acomodações de toda a Colônia eram precárias, a ponto de no rigor do inverno ucraniano muitos trabalhos externos terem de ser suspensos por falta de materiais básicos como botas e casacos, o que poderia causar diversos males à saúde dos educandos e dos educadores. Não raros foram os momentos em que educadores e educandos se viram nas vezes de carpinteiros e pedreiros, para reparos que envolviam melhoras nas acomodações da Colônia. Para Makarenko, no entanto, essas ocasiões também faziam parte do processo pedagógico da Colônia, que envolvia tanto educadores como educandos em um processo que hoje poderíamos comparar com o modelo de uma *educação integral*. Algumas décadas depois, o educador brasileiro Paulo Freire dirá em seu *Pedagogia da autonomia* (FREIRE, 2001) que a aprendizagem deve ocorrer para além da sala de aula, e mais, que dentro da escola todos são educadores: o porteiro é educador, o faxineiro é educador, a merendeira é educadora, a fila para ir ao banheiro é uma situação de educação, brincar no recreio é uma situação de educação, enfim, amplia o conceito de educação que tradicionalmente se imagina, que ocorre apenas na sala de aula com o professor, o que Makarenko já observara e defendera empiricamente muitas décadas antes.

A segunda situação causadora de mal estar em Makarenko se refere à administração da Colônia Gorki, mais especificamente quando ele precisa estar frente à frente na presença do que atualmente chamaríamos de *dirigentes e supervisores de ensino*. Há um visível desconforto nas significações por nós analisadas quando Makarenko se vê obrigado a confrontar-se com seus superiores imediatos, causado

principalmente pelo descompasso entre o que era feito na Colônia Gorki e o que era esperado pelos dirigentes e supervisores. Surgem situações em que Makarenko é confrontado pelas autoridades educacionais na direção financeiro-administrativa da Colônia Gorki, ou ainda quando é chamado à atenção por alguma decisão que contraria os princípios pedagógicos correntes dentro dos gabinetes, mas que não davam conta da realidade vivenciada por Makarenko, seus educadores e seus educandos.

A seguir, analisaremos em separado os dois Núcleos de Significação que compusemos a partir da análise de Poema Pedagógico. O primeiro Núcleo é O mal estar do chão da sala de aula; o segundo Núcleo é No Olimpo Pedagógico.

Núcleo de significação 1: O mal estar do chão da sala de aula

Esse Núcleo de Significação é responsável em apresentar e analisar o mal estar docente de Makarenko com as situações concretas da relação com seus alunos, no corpo a corpo que a relação professor-aluno exige para que se promova a aprendizagem esperada.

Logo no início dos trabalhos da Colônia Gorki, Makarenko prepara um discurso para seus novos educandos, convocando-os a uma nova vida, um novo começo, deixando para trás seu passado de furtos e pequenos delitos:

Eu fiz um discurso sobre a nova vida de trabalho, sobre a necessidade de esquecer o passado, de marchar sempre em frente e para a frente. **Os educandos ouviam mal o meu discurso**, cochichavam entre si, **olhavam com sorrisos de zombaria e desprezo**. (MAKARENKO, 1987, volume 1, p.21)

Esse excerto nos sugere que Makarenko significa frustração por não ter sido capaz de atingir seu propósito inicial, ser ouvido pelos alunos em algo que, para ele, parecia ser importante. Os alunos acabavam de chegar à Colônia Gorki, e Makarenko criara uma expectativa positiva em torno do trabalho que se iniciava e, quando os alunos não correspondem, é gerada a frustração. Se detendo sobre esse aspecto, Benedetti e De Marco (2016, p.37) entendem que o exercício da docência “deveria garantir ao docente uma posição de prestígio e respeito dentro da hierarquia social. Além da satisfação por ver seu trabalho realizado, os bons professores contariam com o reconhecimento social necessário para alimentar sua autoestima e sentimento de dever cumprido”.

Em outra ocasião, alguns educandos saem da Colônia à noite sem permissão e conhecimento dos educadores e furtos pontuais passam ocorrer à casa dos aldeões. Makarenko toma conhecimento dos fatos ocorridos e assim expressa suas significações:

Naquele tempo eu estava longe de ser tolerante com os acontecimentos. Eu tinha pena dos aldeões, **aborrecia-me e inquietava-me sentir minha completa impotência**. Ficava especialmente **incomodado** porque nem sequer sabia todas as histórias, e podia suspeitar o que quisesse. E naquele tempo, graças aos acontecimentos do inverno, **eu andava com os nervos um tanto abalados**. (MAKARENKO, 1987, volume 1, p.163)

O educador ucraniano denota estar com os nervos "abalados" e aborrecido com o que ele identificou em si mesmo como "impotência" com seus educandos. O auge desse mal estar atinge seu

ápice com a identificação do educando que furtava as cercanias da Colônia e até mesmo assaltava pessoas na estrada. O educando é devidamente identificado e levado à presença de Makarenko:

- Outra vez com a faca? - perguntei, fatigado.

- Qual faca o quê! Assaltava na estrada!

O mundo desabou sobre mim. Perguntei mecanicamente a Prikhódko:

- É verdade?

- Verdade - balbuciou ele quase inaudivelmente, de olhos no chão.

Num milionésimo de segundo deu-se a catástrofe. Na minha mão surgiu um revólver.

- Ah! Demônio! Viver convosco!

Mas não tive tempo de encostar o revólver na minha cabeça. Desabou sobre mim a multidão de crianças, gritando e chorando (MAKARENKO, 1987, volume 1, p.166).

Esse episódio nos sugere um arroubo extremo de emoção que levou Makarenko a pensar, segundo relata, em tirar a própria vida, tão comprometido que estava em obter sucesso em fazer seus educandos abandonar a vida pregressa de furtos e roubos. Os colonos eram órfãos de guerra ou os chamados *delinquentes juvenis*, crianças e adolescentes que estavam envolvidos em atos infracionais, que haviam sido abandonados pelo núcleo familiar.

Makarenko insistia sempre em suas falas com seus educandos em esquecer a vida pregressa e olhar doravante para frente, dando um voto de confiança para que todos pudessem não apenas se regenerar, mas se tornarem novos cidadãos que a comunidade soviética recém fundada exigia. Makarenko acreditava na força da coletividade como regeneradora, como capaz de implantar nos educandos um dever cívico que extrapolaria os muros da Colônia quando alcançassem a idade para ir embora, e o episódio com Prikhódko parece ter sido um duro golpe nas convicções pedagógicas de Makarenko.

À Makarenko não era suficiente que os educandos estivessem longe das ruas para não assaltar e evitar transtornos às autoridades; tampouco se conformava à ideia de que seus educandos recebessem na Colônia Gorki uma mera educação profissionalizante, que ao fim do período de internação saíssem de lá como exímios sapateiros ou carpinteiros. Seu inflexão pedagógica nesse sentido lhe resultou com que muitos de seus ex-colonos inclusive chegassem à universidade, uma aspiração que era então inimaginável para o mais otimista dos educandos.

Núcleo de Significação 2: No Olimpo pedagógico

Esse Núcleo de Significação é responsável por apresentar e analisar o mal estar a que Makarenko significa em suas relações em que é confrontado por supervisores e dirigentes educacionais a respeito de seu trabalho à frente da Colônia Gorki, quer no trato pedagógico com alunos, quer no que se refere à administração.

Em um episódio de furto de roupas de um varal na aldeia próxima à Colônia, o presidente do soviete rural, cargo equivalente hoje a um administrador regional, prende e amarra os dois colonos que estavam envolvidos no furto. Makarenko passa duas horas argumentando desculpas com o presidente e a vítima do furto, porém seus esforços são em vão. O presidente exige um pedido de desculpas públicas de todos os colonos. As significações sobre esse episódio são assim expressas:

Nessas duas horas **enchi-me de ódio pelo presidente por toda a vida**. No meio das conversações, passava-me pela cabeça pensamentos sanguinários: quem sabe, conseguirão apanhar esse presidente nalgum canto escuro; se o espancarem, não irei intervir. (MAKARENKO, 1987, Volume 1 p.173).

Esse "ódio" expresso por Makarenko tem a ver com um evento anterior. Tanto o presidente do soviete rural como a maior parte dos aldeões se compunham de *kulaks*, antigos proprietários de terra que exploravam a mão de obra de seus empregados, os aldeões mais pobres. Com a Revolução Russa de 1917, progressivamente aumentou a fiscalização sobre os kulaks que exploravam os mais pobres, e Makarenko e os colonos, como representantes do poder estatal soviético, realizaram incursões contra o abuso de poder dos kulaks, inclusive com multas e apreensões. O episódio do pedido de desculpas públicas exigido pelo presidente do soviete rural parece ser significado por Makarenko como uma vingança pessoal contra ele e seus colonos, longe, portanto, de ter um caráter pedagógico, e sim meramente revanchista.

Em certa ocasião a Colônia Gorki fora visitada por dois supervisores educacionais que tinham por objetivo averiguar as condições em que se davam os métodos pedagógicos criados por Makarenko e seus educadores. O sucesso logrado por Makarenko em criar seu coletivo ultrapassava as fronteiras da Colônia Gorki, de tal maneira que gerava curiosidades em forma de admiração mas também de repulsa pelos métodos ali empregados. Makarenko era acusado pelos seus supervisores de ter criado uma metodologia de ensino militar, de caserna, que ia de encontro ao que era apregoado pelos manuais soviéticos. Quando chega ao seu gabinete, Makarenko trava o encontro a seguir:

Bréguel me perguntou, interrompendo Chaïkin:

- Por quê você sorri? Acaso é engraçado o que diz o camarada Chaïkin?

- Oh não! – respondi – não é engraçado...

- É triste, não é verdade? – sorriu também, por fim, Bréguel.

- Não. Por quê? Tampouco é triste. É vulgar...

Bréguel me fitou com atenção e, suspirando, gracejou:

- Para você é difícil tratar conosco, não é?

- **Não importa; estou acostumado à gente difícil. Estou acostumado à gente ainda mais difícil.**

Bréguel se pôs de repente a rir.

- Você não faz mais que contar piadas, camarada Makarenko – disse, acalmando-se por fim – mas responda a Serguei Vasilievich.

Fitei a Bréguel suplicante:

- Creio que o Conselho Científico de Pedagogia se ocupará também destas questões. Farão tudo como é devido. Vale mais que vamos comer.

- Bem – respondeu, um pouco zangada, Bréguel.- Mas me responda que história é essa da expulsão de um educando, Oprishko?

- Por embebedar-se.

- E onde está agora? Na rua, naturalmente? (...)

- Bem, e as conclusões, todas essas perguntas de Chaikin não o preocupa?

- Por quê? Não vão tratar delas o Conselho Científico de Pedagogia? A preocupação será deles, não minha...

A noite, Bréguel, ao ir deitar-se, me expôs suas impressões:

- Tem aqui um coletivo maravilhoso. Mas isto não significa nada. Seus métodos são terríveis.

Bem no fundo da alma me alegrei; menos mal não sabia nada da aprendizagem de nossos tambores" (MAKARENKO, volume 2, p.168-9).

Inicialmente Makarenko diz estar acostumado à "gente difícil", com isso querendo dizer que não era a primeira vez que se via seu trabalho colocado em dúvida. O que vemos na sua fala "me alegrei" soa como uma ironia frente à confrontação que Makarenko se vê obrigado a encarar, um mal menor por a supervisora não ter tocado no assunto dos tambores, que parecia ser tão polêmico quanto o fato de ter expulsado um colono que consumia bebidas alcoólicas. Makarenko sugere haver uma distância entre os problemas pedagógicos reais que enfrentava e as sugestões trazidas pela supervisão educacional, que fica mais evidenciado em um episódio em que expulsara um colono por violência contra outros colonos judeus. Assim se expressa ele: "**Indignava-me** a pessimamente organizada técnica pedagógica, e a minha impotência técnica. E eu **pensava com repulsa e raiva** sobre a ciência pedagógica" (Makarenko, volume 1, p.127). Makarenko se formou pedagogo tendo como paradigmas educacionais os modelos de Rousseau, Pestalozzi e Froebel, que não travaram situações como as que ele tinha de travar. Não se tratava de simplesmente ignorá-los, mas de procurar um método que desse conta da realidade única a que Makarenko e seus educando estavam inseridos. Sobre esse caráter único de seu método de trabalho, pensamos que a análise de Luedemann seja eloquente:

Desde o início, quando assumiu a direção da colônia de jovens delinquentes, Makarenko tinha consciência de que seria necessária uma nova teoria pedagógica para o trabalho de educação socialista. Mas essa teoria ainda não existia. Havia um debate em torno de várias correntes pedagógicas, mas ainda não existiam indicações mais precisas, apenas diretrizes gerais. (LUEDEMANN, 2006, p.118).

Na ocasião de um seminário educativo, Makarenko e seus colonos cobrem a distância de dez quilômetros a pé para participar do evento. Uma supervisora de ensino demonstra-se escandalizada com a atitude do educador de fazer os educandos marcharem a distância percorrida. Eles discutem. A supervisora toma à frente e tenta ela própria fazer com que os educandos voltem para a Colônia, mas os educandos se recusam. Makarenko significa da seguinte maneira esse embate entre a supervisora e ele:

Tais choques não tinham, naturalmente, quaisquer consequências penosas para o trabalho em andamento, mas elas **criavam em torno de mim uma solidão organizacional insuportável**, à qual, entretanto, é possível acostumar-se. Eu já aprendi, pouco a pouco, a receber cada novo caso com uma **taciturna determinação de aguentar, de sobreviver de qualquer forma**. Procurava não

entrar em discussões, e mesmo **quando eu rosnava de vez em quando era, palavra de honra, por pura cortesia, porque não se pode, afinal de contas, simplesmente deixar de falar com as autoridades.** (MAKARENKO, 1987, volume 3, p.226).

Vieira (2008) fez uma pesquisa com diretores e coordenadores pedagógicos sobre o papel da supervisão educacional e constatou também um estranhamento com relação ao papel do supervisor dentro da escola. O supervisor é visto como um detentor de saberes legais, que autorizam ou vetam ações dentro da unidade escolar e que "nenhum dos agentes lotados nas escolas indicou procurar o supervisor para solicitar orientações sobre o projeto pedagógico ou ao plano de ensino. Parece que veem o supervisor completamente dissociado dessas questões" (VIEIRA, 2008, p.155-6). No entanto, a exemplo de Makarenko, não podem *simplesmente deixar de falar com as autoridades*.

Na esteira dessa significação temos um episódio que sugere mais um desencontro entre os anseios da supervisão e a realidade escolar da Colônia Gorki. O evento em si foi o julgamento de um colono que furtara dinheiro de dentro da própria Colônia e estava sendo julgado por um tribunal instaurado pelo próprio coletivo. Essa era uma tradição que Makarenko conseguira instalar: os próprios colonos eram chamados a tomar parte nas decisões da Colônia, todos tinham responsabilidades compartilhadas e eram tratados sem distinção ou hierarquias. Bréguel, a representante do Comissariado para a Educação Popular, se posiciona a favor do infrator, ignorando o clamor de justiça que todos os colonos esperavam. Vejamos a significação que Makarenko constituiu:

Bréguel estava certa de que hoje ela nos ministrara uma verdadeira aula de "autêntico trabalho educacional". Eu sentia **dentro de mim uma estranha teimosia**, não a obstinação de quem está com a razão, nem a obstinação da vitória, não – **era a obstinação da amargura e de um vago sentimento de desesperança no meu trabalho.** (Makarenko, 1987, volume 3, p.230).

Novamente, o papel da supervisão educacional parece ter desconsiderado tanto educadores como educandos, o que levou Makarenko a significar seu sentimento de "desesperança" e "amargura" com seu trabalho. Neste caso específico, o sentimento geral dos colonos é que o infrator traía todo o coletivo da Colônia ao furtar de dentro da própria os estípêndios que eram para o benefício da mesma. A punição esperada era a expulsão, ao que Bréguel não foi apenas frontalmente contra, como ainda responsabilizou o coletivo pelo comportamento do infrator. A exemplo do evento anterior, Makarenko compreende que não pode contar com a supervisão educacional, mas simplesmente evita confrontar-se, sabendo que não pode deixar de "falar com as autoridades". Quando Bréguel parece se vê a sós com Makarenko em sua sala, questiona-o se ele não concordara com ela, ao que Makarenko se limita a oferecer uma xícara de chá.

Os encontros que ocasionam mal estar em Makarenko com as autoridades educacionais atinge seu ápice quando uma comissão de supervisores educacionais é reunida para fazer um interrogatório que culmina com seu desligamento da direção da Colônia Gorki. Assim se deu o encontro de Makarenko com os supervisores educacionais: "Muitos outros falaram, e muitos se conservaram num silêncio desaprovador. **Finalmente eu me enfezei e, esquentado**, despejei um balde de querosene no fogo" (MAKARENKO, 1987, volume 3, p.253).

Makarenko se refere ao fato de ter sido interpelado ao atribuir salários aos educandos pelo trabalho realizado na Colônia, algo tido como *burguês* pelos supervisores soviéticos, ao que Makarenko rebate que é direito do colono receber pelo trabalho realizado, como outro qualquer trabalhador. Pouco adiantou ainda argumentar que uma poupança era criada para cada colono para que, ao sair da Colônia e começar sua nova vida, eles tivessem já uma economia para se sustentar, pois a maioria dos colonos era orfã. Menos adiantou ainda argumentar que a Colônia Gorki foi a primeira em seu modelo a se autosustentar financeiramente e ainda por cima reverter renda para o Estado. A reação dos supervisores foi implacável:

Oh, como ficaram ofendidos, como **começaram a gritar comigo, a se persignar e a cuspir em mim**, os apóstolos! E então, vendo que o incêndio chameja solto, que todos os rubicões há muito já ficaram para trás, e que tudo já está perdido, eu falei:

- Os senhores são incapazes de julgar, seja a educação, seja a iniciativa, não entendem nada desses problemas. (MAKARENKO, 1987, volume 3, p.253).

Makarenko retornou para a Colônia Gorki a tempo de preparar a recepção para o escritor Maxim Gorki, um entusiasta da educação socialista cunhada por Makarenko e sua coletividade de educadores e educandos, para logo após ser desligado de suas funções de diretor pedagógico.

Considerações finais

No dia 03 de junho de 2019 uma professora de Língua Portuguesa de 45 anos de idade, 25 dos quais dedicados à docência, estava em sua casa quando teve um surto que a levou a atirar objetos, gritar, chorar, para, em seguida, entrar em sucessivas crises convulsivas. Às pressas foi internada no hospital do servidor público estadual, na capital paulista. Quatro dias antes fora alvo de ataques quando lecionava na Escola Estadual Maria Lourdes Teixeira, em Carapicuíba, município da região metropolitana de São Paulo. Alunos do sétimo ano atiravam livros e carteiras em direção à professora, que em vão apelava para que se sentassem e prestassem atenção à aula.

O Secretário da Educação disse em entrevista que contratar mais funcionários para trabalhar na escola não resolveria o problema, que era necessário que as famílias participassem mais ativamente da vida dos alunos. Havia sido questionado que a escola tinha déficit de funcionários, que os professores tinham de *vigiar* os alunos na escola devido à falta de funcionários. Uma semana depois, após muita repercussão midiática negativa, a mesma Secretaria de Educação anunciou a contratação de oito agentes de organização escolar para suprir a demanda da escola. Outro questionamento dizia respeito à ausência do professor mediador.

O programa de professor mediador fora implementado na rede de ensino com o propósito de diminuir ou mesmo evitar atritos entre a comunidade escolar. O professor mediador era um professor readaptado funcionalmente, que não poderia mais estar em sala de aula, mas que exercia outras funções dentro da escola, em geral administrativas. O programa de professor mediador foi criado no governo de Geraldo Alckmin e começou a ser extinguido pelo mesmo, não tendo continuidade na

gestão de seu sucessor, João Dória. Um dos motivos é que muitas readaptações funcionais foram suspensas ou mesmo canceladas. Professores que não tinham condições de voltar à sala de aula tiveram de retornar ou se exonerar e a escola ficou sem o professor que poderia resolver conflitos.

Em nossa análise das significações de Makarenko vimos no Núcleo 1 que, embora os conflitos da sala de aula sejam praticamente inerentes à profissão docente, a forma como eles são administrados pela escola, e pelo poder público por extensão, podem ser diversos, o que foi objeto de análise no Núcleo 2. Se podemos aprender algo em nossa inserção no mundo makarenkiano é que educação é processo, e que é mais fácil destruir que construir. Makarenko relata não precisar mais de bedéis que vigiassem os educandos somente no terceiro ano de Colônia, ao passo que a Secretaria de Educação paulista age contra a violência que se deu em Carapicuíba cortando professores mediadores e pondo em seu lugar funcionários que se limitarão a vigiar os alunos.

A confiança, o respeito e a disciplina não precisam ser constituídos debaixo de sistemas pedagógicos que tolhem a liberdade, a alegria e a criatividade dos alunos, e essa é uma outra lição que retiramos em Makarenko, muito oportuna para o momento atual em que vivemos, quando há um forte apelo para que as escolas públicas adotem modelos de escolas militares, em que a presença de policiais militares reformados na administração escolar sugere que todos os problemas da educação seriam resolvidos pela mera aplicação de uma metodologia que apenas militares sabem ofertar. Cremos ser importante recordar que diante da tragédia da Escola Estadual Raul Brasil, ocorrida em Suzano em março de 2019, quando dois ex-alunos adentraram a escola com armas de fogo e assassinaram funcionários e alunos, um senador da República disse que eventos trágicos como aqueles poderiam ser evitados se ao menos um professor em cada escola tivesse porte de arma e pudesse estar armado *dentro* da escola.

Acreditar no ser humano. Essa parece ser a mensagem que Makarenko nos deixa de legado. Zadorov, um dos educandos mais rebeldes e transgressores da colônia, detido inúmeras vezes por delitos como furto, certa vez foi chamado ao gabinete de Makarenko. Ouviu deste que tinha a incumbência de ir ao departamento de educação buscar a renda mensal que garantiria o sustento de toda a Colônia e retornar, sozinho. O menino ouvia incrédulo: como assim, logo ele, um ladrão, ser responsabilizado por ir buscar dinheiro para a Colônia? Makarenko assentiu que se tratava exatamente disso. O menino olhou desconfiado para aquela situação, mas cumpriu o determinado. Em seu retorno, trouxe embrulhado um maço de dinheiro e o pôs sobre a mesa, para que Makarenko pudesse conferi-lo, ao que o educador ucraniano se recusou, dizendo confiar plenamente em seu educando, que saiu ainda mais nervoso e incrédulo da sala. Logo ele, que tivera todas as oportunidades de simplesmente desaparecer no mundo com aquele estipêndio e nunca mais ser visto, retornara ali, para a coletividade construída por Makarenko.

Ao fim e ao cabo, por mais que tenha passado por dissabores e pelo mal estar docente em sua jornada de oito anos em que se viu forçado a criar um método pedagógico inédito e a contragosto de seus superiores, Makarenko sobreviveu para nos contar a seguinte passagem:

Por mais dura que fosse, a minha vida naquele tempo era uma vida feliz. É impossível descrever a impressão de felicidade absolutamente excepcional que se experimenta numa sociedade infantil que cresceu conosco, que confia em nós até o fim, que conosco caminha para a frente. Numa companhia dessas, até os fracassos não perturbam, mesmo desgosto e dores parecem valores elevados. (MAKARENKO, 1987, volume 3, p.239).

Diante de nossos estudos sobre as significações makarenkianas, nos é possível afirmar a atualidade de Makarenko, decorridos 100 anos de sua pioneira experiência que, entre outras características, valoriza o papel da centralidade da educação escolar como meio de transmissão-assimilação do gênero humano (Duarte, 2012) e compreende o educador como um trabalhador intelectual que reinterpreta e ressignifica seu trabalho, o que é muito expressivo em nosso momento atual em que os *sistemas apostilados de ensino* se massificam inclusive no sistema público, buscando alienar educadores de seu próprio trabalho.

Referências:

- AGUIAR, W. M. J. ; OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, 2013, vol.94, n. 236, p.299-322.
- BENEDETTI, K. S. ; DE MARCO, Í. **Eu, professora e burnout**. Curitiba: Juruá, 2016.
- DUARTE, N. Luta de classes, educação e revolução. in: SAVIANI, D.; DUARTE, N. (orgs.) **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. São Paulo: Autores Associados, 2012.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- KOSIK, K. **Dialética do concreto**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio.
- LUEDEMANN, C. da S. **Anton Makarenko: vida e obra - a pedagogia na revolução**. 3 reimpressão. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- MAKARENKO, A. S. **Poema pedagógico**. 3 volumes. São Paulo: Brasiliense, 1987. Tradução de Tatiana Belinky.
- VIEIRA, A. S. **A ambivalência presente na ação supervisora e no papel do supervisor escolar no ensino municipal da Cidade de São Paulo**. Mestrado em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001 [1934]. Tradução de Paulo Bezerra.

Notas

¹ Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professor da rede pública estadual de São Paulo. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7787263792422615>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0414-8961>. E-mail: luz.lm@bol.com.br.

Recebido em: 23.01.2020
Aprovado em: 20.04.2020